

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, JUNHO/2009 - ANO XIII - Nº 149

EDITORIAL

No mês de junho, comemoramos o aniversário da emancipação político-administrativo de Piquete e o Dia Mundial do Meio Ambiente. Essas datas deveriam estar sempre atreladas e também ser adotadas pelos piquetenses que se preocupam com o futuro da Cidade Paisagem.

Neste aniversário, deveríamos lançar um olhar sobre o espaço em que a cidade se desenvolveu, para entender que os problemas hoje enfrentados resultaram da falta de planejamento e de cuidados ambientais. Numa retrospectiva histórica, constatamos que o município de Piquete era todo coberto pela Mata Atlântica. Essa mata foi rompida no século 18 com a abertura de um caminho ligando o Vale do Paraíba ao Sul de Minas. Às margens desse caminho, paulatinamente foram se fixando famílias, plantadas roças e erguidos pousos e ranchos. O adensamento humano resultou no surgimento do bairro do Piquete. Nesses mais de dois séculos de história, as ações predatórias do homem contra a natureza deixaram como herança morros e encostas desprovidos de vegetação, perda da mata ciliar, assoreamento dos ribeirões e redução acentuada das águas. A perda de biodiversidade foi acentuada.

Os efeitos do aquecimento global, sentidos atualmente no mundo inteiro, são conseqüências da degradação ambiental. Até há alguns anos não havia uma consciência preservacionista. Hoje, todos sabem que a preservação do meio ambiente deixou de ser apenas bandeira de um pequeno grupo de ambientalistas; passou a ser uma preocupação global, com adoção, inclusive, de políticas governamentais. Essa preocupação com a qualidade de vida é a percepção de que a sobrevivência do homem depende diretamente da preservação dos recursos naturais.

Nos últimos anos, surgiu um novo conceito que, cada vez mais, se consolida no mundo inteiro: trata-se do desenvolvimento sustentável, que, em resumo, significa manter o progresso preservando o meio ambiente, garantindo-se, assim, qualidade de vida para as futuras gerações. Neste aniversário de Piquete, desejamos que nossas autoridades, a exemplo do que vem ocorrendo em outros municípios, priorizem esse conceito e busquem saldar o déficit com a natureza, do qual a Cidade Paisagem é devedora. Todos lucraríamos.



Foto arquivo Pro-Memória

Desde o século 18, a Mantiqueira, em Piquete, foi riscada por diversos caminhos pelos quais circularam gêneros alimentícios, ouro, escravos... Hoje, esses antigos caminhos, trilhados por tropeiros, ricos em história e cultura conduzem turistas.

História, cultura e meio ambiente pelos caminhos das tropas

É inquestionável o potencial turístico de Piquete. O município está localizado numa das regiões de ocupação humana mais antiga do país e teve seu território devassado no século 18, após a abertura de um caminho para a região das minas gerais, cruzando a Mantiqueira. A partir de então, aqui se fixaram seus primeiros moradores. Durante mais de três séculos acumulou um potencial histórico que nos remete aos ciclos econômicos do ouro, do tropeirismo, da cana-de-açúcar, do café e da industrialização no Vale do Paraíba. Famílias de diferentes regiões do país, ao longo desses ciclos, para cá se dirigiram contribuindo para o enriquecimento de nossa cultura.

A diversidade cultural e de paisagens torna Piquete atraente para o turismo, atividade que vem crescendo por todo o mundo, nos últimos anos. Essa atividade, porém, tem deixado rastros de degradação sócio-ambiental: muitas vezes, os benefícios econômicos não chegam às populações locais e o equilíbrio de áreas naturais fica comprometido.

A riqueza do patrimônio ambiental do Brasil faz crescer um ramo do turismo chamado de ecoturismo, associado às atividades em ambientes naturais, nos quais o visitante se integra, harmoniosamente, numa relação sustentável. É uma atividade promissora para os países ricos em biodiversidade, pois, além de ser alternativa de geração de renda, empregos e serviços, pode promover a formação de uma consciência socioambiental. A comunidade piquetense precisa se organizar e traçar uma política voltada para o turismo,

de maneira racional, para que o meio ambiente permaneça preservado.

As tendências de mercado sinalizam que as pessoas se sentem atraídas por lugares onde o turismo não destrói a natureza. As exigências por qualidade são cada vez maiores e, em geral, o visitante busca a autenticidade como elemento diferenciador.

Ambientes naturais protegidos, entornos e adjacências limpos e traços culturais diferenciados são atrativos que reforçam a competitividade dos destinos turísticos.

A qualidade na prestação dos serviços turísticos depende de um conjunto de elementos: o ambiente, os atrativos, a comunidade receptora e o turista.

Antes que o turista venha para Piquete, é preciso que o município faça a lição de casa – educação ambiental em todos os níveis e melhoria da infra-estrutura básica municipal. Potencial turístico Piquete tem. É de fazer inveja. Só nos faltam organização e trabalho. Para tanto, faz-se necessário que um amplo programa de Educação Ambiental continuado, atrelado ao resgate e conhecimento de nossa história, aconteça não só nas escolas, mas também nas diversas entidades do município. Precisamos modificar nosso relacionamento com a natureza e, com ela, buscar harmonia. O plantio ao longo das margens de nossos rios e a recuperação de nossas encostas precisam ser efetivados de imediato. A recuperação de diversas paisagens degradadas da “Cidade Paisagem” dará um ganho especial ao município. Somente depois de todas essas tarefas executadas é que poderemos estar abertos para acolher turistas.

Imagem - Memória

Fotos arquivo Pro-Memória



A fotografia como registro histórico

Através dos tempos, os homens sempre se preocuparam com o registro de seus feitos em imagens gravadas. Com o advento da fotografia, esta, enquanto documento iconográfico, passou a ter valor histórico, uma vez que ressuscita épocas, fatos e feitos muitas vezes distantes e, por intermédio da memória, nos proporciona várias releituras.

Quando se olha para uma fotografia, as reações provocadas são as mais variadas, indo-se do simples olhar contemplativo ao inquiridor, inquieto, curioso, decobridor... Sentimo-nos atraídos pela imagem, tornamo-nos presos, como que hipnotizados, e penetramos na estampa gravada.

É impossível ficarmos indiferentes diante de fotografias amareladas, muitas vezes evanescidas pelo tempo, principiamente quando reproduzem nosso espaço mítico-afetivo e nos suscitam múltiplas emoções.

A fotografia evoca lembranças, resgata sentimentos e emoções há muito adormecidos. Faz o indivíduo reviver fatos guardados nos arquivos da memória e por muitos anos esquecidos.

Nesse momento, a foto age como um estopim que detona mecanismos de lembranças e transforma-se num passaporte que nos possibilita uma viagem pelos ontens. Por meio delas tomamos conhecimento de muitos fatos: as relações humanas, a ocupação dos espaços físicos, os encontros e desencontros, a religiosidade do povo e sua interação com o meio ambiente, o trabalho e o poder. Alcançamos, portanto, seu cotidiano.

A Fundação Christiano Rosa mantém um acervo fotográfico colecionado ao

longo de anos, objetivando não apenas recuperar nossa memória fotográfica, mas entender e divulgar as mudanças operadas na paisagem durante a história de Piquete. São fotos de pessoas, eventos, construções e vistas da cidade em processo de urbanização: seu casario, igrejas, ruas e praças. Procura-se, assim, resgatar e preservar antigas fotografias que permitem uma visão panorâmica do crescimento e desenvolvimento da antiga Vila Vieira do Piquete até os dias atuais.

A origem de Piquete remonta ao século dezoito, quando da abertura de um caminho para as Minas Gerais. Às margens dessa via foi instalado, em 1764, um Registro para controle fiscal que, com sua guarda, deu origem ao Bairro do Piquete, cujo crescimento espontâneo ocorreu paulatinamente. Ainda no século 19, construiu-se uma capela sob a invocação de São Miguel e Almas. A comunidade articulou-se politicamente e o bairro emancipou-se em 1891. Vila pequena e pobre, Teodoro Sampaio, eminente geógrafo, ao passar por aqui em 1893, a descreve como localizada “em sítio cujo relevo topográfico não é dos mais favorecidos, não se distingue senão pelo aspecto da paisagem que o rodeia. Modestas casas ao longo de ruas tortuosas e desniveladas que a pequena Igreja domina do alto de uma colina, algumas fazendas de risonha aparência, com pastagens que vêm morrer à entrada do povoado...”

A vila só se modificaria em 1902, com a vinda do Mal. Mallet que, a convite do Barão da Bocaina, deveria escolher na região o local para construção de obras militares.

Edificou-se, de imediato, o Sanatório Militar no alto da serra; em sequência, o ramal férreo Lorena-Benfica e a Fábrica de Pólvoras sem Fumaça. Tais obras trouxeram desenvolvimento ao povoado.

As fotos deste acervo retratam o bucolismo da antiga Vila Vieira do Piquete que, como “enternecedor presépio”, foi gradativamente subindo encostas e ocupando as orlas do caminho, até a Vila de São José, construída pelos operários, e o “bairro chic” da Vila da Estrela, estruturada com planejamento, servida por água, luz, trole e bondes. Esses três núcleos, com o passar dos anos, foram interligados com a construção da Praça da Bandeira e da Vila Duque de Caxias. A cidade cresceu expandindo-se em direção à serra. Surgiram novos bairros. O acervo fotográfico da Fundação Christiano Rosa propõe-se a resgatar a história deste rincão engastado na Serra da Mantiqueira.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Joair

O autor do Hino ao Centenário de Piquete, Joair da Silva Santos, é um apaixonado pela Cidade Paisagem. Nasceu no Alto do Carioca, à rua Major Carlos Bittencourt, a 10 de novembro de 1938. É um dos onze filhos do casal José Marcelino dos Santos Filho e Alice da Silva Reis Santos.

Com memória privilegiada, recorda-se de sua infância e dos filhos das famílias de Misael de Carvalho, Antônio Pedrone, Luiz Tijoleiro, Geraldo Reis, Emídio Xavier e outros vizinhos, amigos de brincadeiras.

Joair cursou o Grupo Escolar da Fábrica Presidente Vargas, cujos diretores, à sua época, foram Murilo e Melquíades Pereira Júnior. Não se esquece de sua primeira professora, D. Rosinha Areco, nem das professoras Aparecida de Oliveira e Duricilda de Carvalho. No Grupo, foi colega de Paulo Pires, Zé Nogueira, Zé Gaia, Zé Macaco, Zé Inácio, João Gordo, Natão Mascaranhas... Cursava o Ginásio da Fábrica quando, em 1954, no terceiro ano, foi criado pelo Departamento Educacional da FPV o curso de laboratorista. Os responsáveis foram o major Quadrado e o capitão Evangelista. Havia aulas práticas e teóricas ministradas no Laboratório Central da Fábrica pelos químicos José Carlos Ribeiro da Silva, Luiz Gonzaga Guimarães, Dr. Rui Vital Brasil, entre outros. Foi um dos treze alunos da primeira turma. Após três anos de estudos, concluiu o curso, sendo admitido para trabalhar no laboratório do 6º Grupo, de onde foi transferido, após três meses, para o do 2º Grupo. Lá trabalhou até 1968.

Desde a infância Joair conviveu com a música. Seu pai era clarinetista na Banda da FPV e ensinou-lhe os primeiros acordes. Os estudos de música foram feitos com os maestros Carlos Vieira Soares e Antônio Prestes Camargo. Em 1956, após a extinção da Banda da Fábrica,



o maestro Carlos Vieira arregimentou músicos para outra na cidade. Ressurgiu, então, a Corporação Musical Euterpe Piquetense, que fez sua estréia em 1957.

Em 1968, orientado pelo maestro Prestes Camargo, prestou concurso para músico na Escola de Especialistas da Aeronáutica, em Guaratinguetá, como sax. Foi aprovado e logo mudou de instrumento, passando a tocar clarinete, até quando se reformou como Sargento Músico, em 1983.

Em 1986, a convite de Luiz Vieira Soares e Paulo Pires, entrou para o tradicional Coral Santa Cecília, da Matriz de São Miguel, em Piquete. Desde 2000 está à frente deste grupo, agora como regente. Joair fala sobre a importância da música e do coral para os atos litúrgicos da Matriz. Fala, também, da dificuldade de trazer novos componentes para o Santa Cecília.

Joair recorda-se, com entusiasmo, do seu tempo de jovem, da movimentação da Praça Duque de Caxias, do Cine Estrela do Norte e dos clubes Elefante Branco e Grêmio General Carneiro. Era na "Pracinha" que a juventude se reunia; foi aí, em 1957, em companhia de alguns amigos, que por ele passou um grupo de mocinhas... Olhou para uma delas, Thereza Corrêa da Silva Santos, e, virando-se para o amigo José Fausto, disse: "Vou casar com essa morena!". Cumpriu a promessa: após cinco anos de namoro e noivado, casaram-se em 26 de maio de 1962. Já se vão 47 anos, que resultaram em três filhos e três netos e muita música.

E/d: Reginato, Sérgio Valquírio, Sebastião Sardinha, Islei Alencar, Paulo Lodi, Nilton Carlos, Roberto Meireles, José Bittencourt, Benedito Gonçalves, Hermes Florentino, Fabiano e Joair. Foto de 1956.



Fotos arquivo Pro-Memória

Hora de pular fogueira...

Festa junina ou festa de São João?

As duas se misturam. E para confundir ainda mais, há muito tempo as tradicionais comemorações ultrapassaram o mês de junho e se tornaram julinas. Não se consegue separar o que elas têm de Santo Antônio, de São João ou de São Pedro. Também não se pode imaginar um "arraiaí" sem quadrilha ou uma variedade de comidas típicas à base de milho. Tudo isso tem sabor e história.

Simpatias para arrumar casamento? É bom saber que Santo Antônio divide o expediente com São João e com São Gonçalo do Amarante, o santo casamenteiro na Bahia. Quem diria que brincadeiras tão presentes na cultura popular têm raízes profundas? "Pula fogueira, Iaiá...", diz a cantiga, sem deixar transparecer que o fogo, de grande simbolismo nos cultos pagãos, foi "domesticado" pela Igreja Católica.

A festa transfigurou-se ao longo do tempo e ganhou formas diferentes em cada lugar. Sincrética, admite a equivalência entre Xangô, orixá ligado ao fogo, e São João nos terreiros de candomblé da Bahia. No Pantanal, a tradição portuguesa de dar banho no santo para renovar suas forças sobrevive firme e forte.

Soltar balão é proibido, mas não se pode impedir ninguém de enviar seus pedidos a São João. A canjica não é igual em todos os lugares, mas sem ela a festa não fica completa.

Por que fogueira pra São João?

"Acende a fogueira, João nasceu!" Parece canto de festa junina, mas foi uma ordem dada por Isabel assim que deu à luz naquele 24 de junho. Conta a tradição popular que o fogo foi a forma de dar a notícia do parto à sua prima Maria que estava em outro ponto do vale. Maria também estava grávida: seis meses depois, era a vez de Jesus vir ao mundo. Daí a fogueira para celebrá-lo. O apelido de "Batista" veio do fato de João ter, mais tarde, batizado o próprio Jesus.

As qualidades de João Batista garantiram-lhe lugar de honra entre os santos católicos. Equiparando-se a Jesus, ele é o único do qual se comemora o dia do nascimento e não da morte. A diferença de seis meses entre eles inspirou uma clara demarcação no calendário cristão: ao dividirmos o ano ao meio, metade é para Jesus (de dezembro a junho) e a outra metade para São João.

Estão aí algumas curiosidades sobre as festas juninas e São João... Aproveitemos, então, o friozinho de junho, pra pular fogueira, tomar quentão e vinho-quente e dançar quadrilhas...

Viva Santo Antônio! Viva São João! Viva São Pedro!

Fonte: "Revista de História", da Biblioteca Nacional, edição de Junho de 2009.

Fotos arquivo Pro-Memória



Uma notícia auspiciosa no centenário da FPV

A revitalização da Indústria de Defesa

Em artigo denominado “Defesa, democracia e desenvolvimento” (Folha de São Paulo, 13 de abril de 2009, p. A3), o ministro da Defesa, Nelson Jobim, explicita a importância da defesa como “atividade chave para a soberania nacional, a democracia e o desenvolvimento do país”, segundo o reconhecimento do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no “fortalecimento do Ministério da Defesa”.

Segundo palavras do aludido ministro, a Estratégia Nacional de Defesa foi aprovada pelo presidente por decreto publicado em dezembro de 2008 (6703/08), após consulta ao Conselho de Defesa Nacional.

Diz ele que a “Estratégia Nacional de Defesa fixou as bases para a consolidação do poder civil na direção da defesa nacional, com a determinação dos papéis que cabem nesse processo aos civis e ao braço militar – Marinha, Exército e Aeronáutica”.

Portanto, definiram-se as metas para a reestruturação das Forças Armadas, a revisão da política ligada aos efetivos militares e a reorganização da indústria de defesa.

Preocupado com o desenvolvimento científico-tecnológico, o ministro destaca a grande importância da política industrial do

setor, que deve integrar o esforço estrutural de civis e militares. Por isso, alerta para o cuidado a ser dado às tecnologias de ponta.

De maneira especial, considera a necessidade da consolidação e do fortalecimento da indústria nacional de defesa como valores institucionais da democracia.

Tendo em vista o Laad 2009 (Latin America Aerospace and Defence) como representativo da importância de defesa e segurança da América Latina, cujo encontro, com realização na semana após a Páscoa, no Rio de Janeiro, alega que esse evento tem o apoio do Ministério da Defesa. Demonstra o destaque da presença da indústria brasileira no conclave e argumenta sobre a convicção da expandida sintonia do país pela conquista do caminho certo no conjunto dos países voltados para o desenvolvimento sustentável. Finalmente, seus princípios augúrios voltam-se para a paz e a segurança no Brasil.

Nós, que nos relacionamos a uma indústria de defesa, esperamos pela revitalização e vida plena da Fábrica Presidente Vargas, a nossa centenária Fábrica.

Dóli de Castro Ferreira

Trata-se do Sr. Benedito Ramos Pinto, cidadão piquetense, reconhecido pela população que o admira como “Seu Dito”. Morador antigo do bairro da Estação, indicado municipalmente por integrante da Vila Celeste. Promove, todos os anos, no domingo de Páscoa, a tradicional queima do judas. Orgulha-se, em discurso para o povo reunido em frente à sua casa, que, afetuosamente, realiza há 68 anos o evento. Esperado pelas crianças por causa da farta distribuição de balas e guloseimas, o folguedo, visto como festa, conta com a adesão dos moradores do bairro e adjacências. Comparecem também os adultos, e representa um encontro sadio de todas as idades. Manifestam-se então as cordialidades do Piquete tradicional, pois os mais velhos gostam de rememorar acontecimentos que alimentam os corações. O clima de festa desperta os afetos e a música da animação conduz o espetáculo.

Animador cultural, “Seu” Dito financia tudo, e na distribuição geral, reservam-se presentes para os amigos, os companheiros e os aparentados. A prodigalidade revela-se nas balas, pipocas doces, pirulitos e até moedinhas bem arranjadas em pequenos pacotes, para não desperdiçar, e que as

“Seu” Dito da Estação

crianças avidamente recolhem. A professora Regina, filha de Seu Dito, organiza essa parte da festa, ajudada pelos sobrinhos Rafaeli e Luizinho. Enquanto isso, Luiz, irmão de Regina, comanda o som escolhido de um repertório envolvente. E Dona Maria, esposa de “Seu” Dito, como anfitriã principal, assiste com as devidas observações e providências recebendo a todos com carinho. Seu rosto, iluminado pelos vivazes olhos azuis, revela a alegria do cultivo afetuosos. A tranquilidade que transmite é mensagem de paz e amor, em espírito puro, como jóia rara.

Há, portanto, 68 anos que a família cultiva a festa e quer continuar. E nós queremos que seja continuada, pois já vem desde 1941. “Seu” Dito aos 88 anos é um dínamo. Valente, denodado, animadíssimo, faz questão de enfatizar o prazer que sente em proporcionar essa alegria ao povo de Piquete. E o faz com empenho. Cria raízes. Espera a próxima festa com a emoção de um jovem, proposto sempre em manter viva a chama do encontro.

No dia 12 de abril do corrente ano, enquanto a festa transcorria, dois judas eram queimados: um, representante de adulto, e outro, de porte infantil.

Um foguetório estourado quando a queima se inicia dá por completada a ação condenatória do traidor. A partir daí, o regalo dos presentes e das guloseimas. A criançada se atropelando à busca das variedades, que não eram poucas. Todos saíram satisfeitos.

Dada a importância do evento, sua tradição e significado, deveria ser incluído entre os bens imateriais do patrimônio da cidade e contar com o apoio e a presença dos representantes da Secretaria de Turismo. Até porque é realizado no entorno do prédio da Estação Rodrigues Alves, sede do referido órgão público.

E para “Seu” Dito e família, nossos votos de força para manter viva a tradição de que nos orgulhamos. Que Deus conserve esse coração expandido pela cidade que o viu nascer, crescer e constituir a família. O sol brilhava no domingo de Páscoa e outros judas eram queimados para a atração do fôlego acelerado das crianças. Uma tradição que as áreas urbanas engolem, mas, com estímulos como este, mantém-se viva.

Assim queremos a festa do “Seu” Dito, a mais antiga e de valor histórico incontestável. Valorizem-na.

Dóli de Castro Ferreira

Reserva de Dignidade

Abigail Lea da Silva

O texto bíblico (Ex 17,12-13) me conduziu a sérias reflexões a respeito dos critérios de Deus a respeito dos merecimentos dos seres humanos.

“12 Mas, como se fatigassem os braços de Moisés, puseram-lhe uma pedra por baixo e ele assentou-se nela, enquanto que Aarão e Hur lhe sustentavam as mãos de cada lado: suas mãos puderam assim conservar-se levantadas até o pôr do sol 13 e Josué derrotou Amalec e o seu povo ao fio da espada”.

Será que, entre os israelitas, ninguém mais havia que merecesse implorar ajuda de Deus para o exército de Josué?

Abraão (Gn 19,29) pedindo pelos justos das cidades condenadas e Elias (I Rs 18,20-40) desafiando os sacerdotes de Baal dão outra mostra da predileção de Deus por algumas de suas criaturas.

E o critério dos seres humanos? Se tivéssemos de escolher mulheres e homens garantidores do equilíbrio de nossa cidade, propiciadores do livre trânsito do bem em todos os ambientes, quem seriam os indicados?

Alguém se lembra daquele professor que foi colocado naquela grotta que poucos conhecem. A ele foram entregues meninos, à época, em situação de risco. E eles se transformaram em bons cidadãos piquetenses.

– Mas... e aquela professora pouco afeita a sedas e balangandãs, com muitos filhos, que escolheu a educação por fanal? Ela chamava o mais simples aluno de doutor. E alguém levou a sério o chamamento.

– E as professoras do Jardim de Infância que ensaiavam as festas juninas? Sabem? Aquele moreninho, de olhos redondos, que puxava a quadrilha deve ter guardado, no recôndito de seus neurônios, aquela melodia e letra capazes de dar novo sentido à vida: “Ai! meu Deus! Que rebuliço / Esta festa está tão boa / Parece que tem feitiço!”

– Vocês estão esquecendo aquele prefeito que nunca ofendeu seus adversários com a palavra escrita ou falada! E o vereador que nunca tomou parte em conchavos para empatar as obras do prefeito do outro partido!

– Mas isto é muito pouco perto do que fez aquela Filha de Maria Auxiliadora que, com seu eterno sorriso e palavras certas, era responsável por boa parte da cura dos doentes hospitalizados!

– E um certo médico que veio novinho e recém-formado para Piquete, assumiu o Posto de Saúde com muita determinação e foi um exemplo de respeito aos habitantes desta cidade?

– E a parteira de voz grave que se tornou a avó querida da criançada?

– E o padrinho, com seu terno impecável, que interrompia a conversa com os amigos e atravessava a rua para abençoar os afilhados e dar-lhes um níquel?

– E os seresteiros, com seus violões chorões, que ajudavam os amigos a dobrar os corações empedernidos das namoradas? E o maestro da banda que caprichava nas retretas do coreto?

– Mas... e aqueles professores de educação física e treinadores que preparavam aquelas magníficas demonstrações de ginástica, bons times de futebol, de basquete e vôlei?

– E os promotores e artistas do jongo e da folia de reis, dos desfiles de carnaval e concursos de fantasia e de beleza?

– E as barraquinhas das quermesses com as mãos santas que nos premiavam o olfato e o paladar com pastéis de farinha de milho? E os leiloeiros de gado na festa de São Miguel?

– E o comerciante que, fechadas as portas da lojinha, ia cuidar do jornal e do concurso de declamação?

– E os guias dos magníficos passeios aos picos da cidade?

– E os que trabalham diuturnamente pelos doentes, pelos velhinhos e pelas crianças carentes? E confortam os últimos momentos da vida com assistência psicológica e espiritual?

– Mas bom mesmo é quem teve a idéia de trazer a festa do peão; é radical ver aquele recinto ferver! O jumento e família – pura ou híbrida – merecem lugar de destaque na história da cidade e de todo o país. O tropeiro – centauro tupiniquim – e sua pachorrenta montaria cresceram em destreza e elegância e se transformaram nos magníficos peões e cavalos que provocam admiração no mundo inteiro.

Piquete tem tanta gente boa, que até Deus ficaria indeciso na escolha!

Parabéns a todos os piquetenses na festa de sua emancipação política!

Parabéns a todos os que mantiveram a ordem, limpavam as ruas, levantaram prédios, criaram bairros, ofereceram empregos, edificaram igrejas de todos os credos, enfeitaram praças e avenidas, plantaram árvores e irmanaram o povo nas campanhas e comemorações.

Todos ajudam a compor a nossa reserva de dignidade, que faz Piquete uma cidade feliz aos olhos de seus habitantes, aos olhos de seus vizinhos e – quem sabe? – aos olhos de Deus.

Fotos arquivo Pro-Memória



Crônicas Pitorescas

Cem anos de perdão...

Palmyro Masiero

Em Piquete, cremos que a maioria dos munícipes conhece ou pelo menos ouviu falar dos barganhistas. Geralmente, em quase todas as cidades interioranas nascidas de desbravamentos, o lugar preferido por eles é ao lado dos mercados municipais, onde, aos domingos, se reúnem. Ali, troca-se de tudo. Pouco importa ao verdadeiro “barganhista” se o objeto permutado vai ou não lhe servir para alguma coisa. Na pluralidade da escambação para coisa alguma, mas o essencial, a quase fixação é passar para a frente o que levou e, muito mais ainda, a satisfação em levar outro na conversa. Existem cidades que até dão publicidade às “tinhanhas” como atrativo turístico.

Este caso que vamos narrar aconteceu no antigo ponto utilizado pelos nossos permutadores, ao lado do desaparecido mercado que existia na rua Comendador Custódio, ao lado do prédio da Sociedade Beneficente, perto da ponte. Aquele descampado com uma frondosa árvore era o local onde ficavam os animais que iam ser trocados de dono, charretes, carroças e coisas de maior porte. Na calçada permanecia a turma de objetos menores. Nós temos uma série enorme de famosos e inveterados “negociantes”, que citá-los seria magoar alguns pelo esquecimento.

Como os nomes não interessam e sim os fatos, vamos a estes apenas como simples exemplo de como a turma era pesada... Um barganhista famoso e muito matroco chegou ao lado do mercado, todo emproado, em cima de um cavalo. Embora de pequeno porte, este era vivo, inflamado, como se necessitasse eternamente de movimento. Logo se formou uma roda de interessados à volta do animal, com nosso amigo barganhista em cima dando uns arrancos na rédea que faziam o pequeno animal sambar.

Ao lado da calçada da Sociedade, um belo cavalo acanelado, de pelo liso e lustroso, pertencente a um outro não menos finório trocador, estava amarrado a um

mourão, à entrada secundária do mercado, com uma das patas dianteiras em cima do cimento, e, alheio aos acontecimentos, mastigava preguiçosamente um punhado de capim.

O micróbio da cambiação já vinha com eles, e as ofertas se iniciaram. O cavalo pelo cavaleiro. Estes tinham suas vidas dissecadas e seus mais íntimos segredos desvendados pelos respectivos proprietários. Propostas e vantagens cruzavam-se. Ao redor, os outros acompanhavam o desenrolar dos elogios à raça equina ali tão bem representada. Discussões... Finalmente, negócio fechado! Mãos apertaram-se. Testemunhas.

Dentro dos itens estabelecidos no alto negócio, os arreios não entravam na transação. Processava-se a retirada dos mesmos. Quando o cavaleiro foi despojado de seus adornos de couro, diversas pedras que estavam em seu pelo e o arreio caíram. Instantaneamente, talvez suspirando de alívio, a cabeça do animal pendurou-se no pescoço. Como que por encanto, sua vivacidade, seu fogo, amorteceram-se...

Risos e gozação foram a tônica geral entre os espectadores pela bola comida pelo dono do alazão. Cinicamente, o outro se desculpou e a coisa ficou como ficou. Não houve ofensas ou reclamações entre eles. Ao lesado restava a espera de uma oportunidade para retribuir a dose.

Mais trocas, mais “causos” de grandes negociações, quase a uma da tarde, nosso primeiro personagem preparava-se para partir com sua nova propriedade: o bonito cavalo cor de canela. Desamarrou-o do tronco, puxou-o por uma corda e o animal retirou a pata que até então conservava em cima da calçada. Aí veio o reverso da medalha... O pobre animal tinha uma das pernas dianteiras uns dez centímetros mais curta que a outra!

Foi, sem dúvida, uma domingueira cavalgar!

Piquete

*Perigo: pólvora, pesar
Piquete das praças, do pórtico,
Das palmeiras e pinheirais,
Plantados pela providência - divina.
Pupila púrpura,
Pérola protegida,
Pintura paternal.
Porvir de paz e progresso.
Piquete pátria-amada.
Piquete pura poesia,
Puro prazer,
Pura paixão.*

*Celeste Aída da Rosa
Em Piquete, a 21 de junho de 1999*

Cuidem de mim!

*Fico ao sopé da serra,
Serra que me embeleza,
que me envolve.
O verdor que me cerca é tão belo
quanto o azul do meu céu.
Meus pássaros têm boniteza de cores:
azulões, maitacas, trinca-ferros,
papa-capins, tico-ticos, pintassilgos.
Meus pontos turísticos
são aprazíveis.
Minhas águas vêm
da montanha que chora.
Meus arrebois são aurirróseos –
como lunaréus de fogueira.
Meu luar é mais bonito
do que aquele do sertão.
Tenho um pórtico majestoso,
praças afamadas,
logradouros pavimentados
e um povo valente.
Sou linda.
Sou a Cidade Paisagem.
Sou Piquete,
engastada na Serra da Mantiqueira.
Cuidem de mim!*

Edival da Silva Castro



*A Fundação Christiano Rosa
parabeniza os poderes constituídos e
a população piquetense pelo 118º
aniversário de emancipação
político-administrativa de Piquete.
Salve 15 de junho de 2009!*



Município Verde

Thiago Santos

As questões voltadas para os cuidados com o ambiente tornaram-se, nos últimos anos, prioridade da maioria dos municípios. Tem crescido a consciência preservacionista, tendo-se em vista a minimização dos impactos decorrentes da falta de gestão ambiental. Toda a sociedade deve se mobilizar na recuperação da natureza e se unir em prol de políticas sustentáveis geradoras de renda, buscando proporcionar qualidade de vida a todo cidadão.

Desde 2007, quando lançou o Projeto Ambiental Estratégico Município Verde, o Governo do Estado de São Paulo busca sensibilizar os municípios paulistas para a importância de políticas ambientais. Sem a participação do poder local torna-se impossível cumprir a agenda estabelecida pelo Estado. Busca-se a gestão compartilhada visando-se à responsabilidade mútua, exigindo-se ações efetivas.

O intuito do projeto é que a gestão ambiental do Estado seja descentralizada. Para que isso ocorra, os municípios devem aderir às propostas do Governo. O papel das Prefeituras é elaborar e executar planos de gestão local dos recursos naturais e do meio ambiente. Os planos devem contemplar dez itens primordiais ao desenvolvimento sustentável do município. O primeiro é a criação de um Conselho de Meio Ambiente, seguido pelo tratamento do esgoto, redução da produção de resíduos sólidos, recuperação de matas ciliares, arborização urbana, educação ambiental, habitação sustentável, maximização do uso da água, redução de poluição do ar e criação de um órgão local responsável pela política ambiental do município.

Os municípios que aderiram ao Protocolo Verde indicaram interlocutores responsáveis por intermediar o diálogo entre Prefeitura e Governo do Estado, e criaram um plano de metas de sua gestão ambiental. A avaliação das atividades da agenda do município será feita de acordo com o cumprimento de suas metas.

O Projeto é contínuo. Neste ano de 2009, nova avaliação será feita com os municípios atuais e outros que a ele poderão aderir. O Governo está atento quanto à fidedignidade dos dados apresentados pelas Prefeituras. Seriedade, comprometimento e responsabilidade ambiental são o que se espera não só do poder público, mas também de todo cidadão.

Uma vara de pescar de presente de aniversário

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Estamos em 2009...

15 de junho: Piquete faz 118 anos. 15 de março: a Fábrica completa seu primeiro centenário de inauguração.

Piquete, em março de 1909, estava prestes a completar 18 anos de emancipação. Pobre e sem perspectivas, a então Vila Vieira do Piquete ganhou de presente uma indústria construída em tempo recorde, detentora do que de mais moderno havia à época. Passaria a usufruir de todos os benefícios que uma empresa de grande porte oferece. Ao longo de todo o século 20, a Fábrica “manteve” a cidade. Proporcionou educação, saúde e lazer aos seus funcionários e, por extensão, aos que não lhe estavam diretamente ligados.

A Fábrica, por sua vez, beneficiou-se de Piquete e dos piquetenses. Seus funcionários trabalhavam arduamente para seu funcionamento. Em troca de um bom salário, escolas, hospitais, vilas operárias, cinemas, piscinas e campos de futebol, exigia empenho de todos em suas funções. Comandada por engenheiros e especialistas, na maioria militares, e focada no volume de produção, com máquinas que requeriam a intervenção humana apenas na repetição de tarefas, não eram muitos os requisitos para contratação. Uma vez contratado, aprendia-se muito e a especialização vinha com o tempo. Formaram-se profissionais que não ficam a dever em nada aqueles formados em renomadas universidades.

Em 1977, veio a incorporação à IMBEL. Os muitos benefícios até então bancados pela empresa minguraram. A cidade teve que “aprender a andar” com as próprias pernas. 32 anos depois ainda está engatinhando. Na Fábrica, os funcionários mais antigos foram se aposentando. A capacidade produtiva foi, aos poucos, sendo vencida pela falta de investimento, pelas novas tecnologias... O salário foi “corroído” pelos diferentes períodos econômicos pelos quais passou o país.

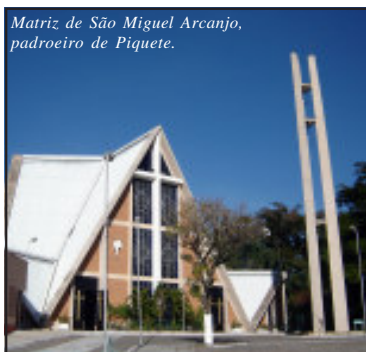
Ao completar 118 anos, Piquete sofre com a falta de emprego e de perspectivas para seus jovens. A qualidade da educação é questionável. A saúde é precária... A

economia da cidade baseia-se no comércio e nos empregos públicos municipais. Vislumbra-se o turismo como alternativa de renda, mas não há propostas concretas, nem se observam resultados significativos.

No seu centenário, a FPV encontra-se num período de importantes mudanças. Sua produção vem aumentando e as políticas de governo sinalizam incentivos à área de defesa. O operariado, há anos com o salário defasado, recebeu atualização de seus vencimentos.

Comparemos a história... A situação é semelhante – guardadas as proporções – a de 100 anos atrás. Uma cidade pobre... Uma fábrica numa retomada de crescimento... Porém, se naquele tempo o mercado exigiu apenas quantidade de operários, hoje a tecnologia e a acirrada concorrência exigem qualificação. Ciente dessa situação, assim vem fazendo o atual superintendente da FPV, Cel. Weldon Maranhão Massi. Desde sua posse, Massi vem demonstrando empreendedorismo e visão administrativa. Paralelamente aos investimentos em infraestrutura industrial, que exigem maiores recursos – mais demorados –, vem investindo na qualidade do ambiente de trabalho e na satisfação do operariado. Qualquer manual de Administração mostra os bons resultados que esta política representa nos números de uma empresa. As exigências, porém, crescem em ritmo até mais acelerado. Operários com educação fundamental, por exemplo, representam em torno de 40% do quadro de funcionários, enquanto apenas 5% têm ensino superior. Esses números estão fora do padrão de uma empresa de ponta. Já foi avisado que será exigido de todos, no mínimo, o ensino médio completo. O velho ditado que prega que se ensine a pescar ao invés de se distribuir o peixe vem se impondo. Portanto, é necessária a especialização em nossas atividades. A concorrência está em alta e somente os melhores continuam na luta. Força, Piquete! Garra, FPV! Os bambuais estão disponíveis. Fica a cargo de cada um preparar as varas para que seja possível uma boa pescaria!

Matriz de São Miguel Arcanjo, padroeiro de Piquete.



Inauguração do novo refeitório da FPV, em 20/03/2009.



Foto: arquivo Pro-Memória

Fotos arquivo Pro-Memória



Exposição Fotográfica “Coisas Findas”

A Fundação Christiano Rosa promoveu, no dia 13 de junho, a abertura da exposição “Coisas Findas: Imagens - Memória de Piquete - 1900 / 1950”. Baseada no livro de mesmo nome, lançado em 1996, a exposição apresentou mais de uma centena de imagens do Piquete da primeira metade do século 20.

O evento, realizado no Espaço Cultura “Célia Ap. Rosa”, contou com diversos convidados e movimentou a fria noite de Santo Antônio. Enriquecida com textos de Abigail Lea da Silva, Chico Máximo, Dóli de Castro Ferreira, João Vieira Soares, Myrthes Mazza e Nelo Pelegrine, a exposição emocionou os visitantes, que procuraram identificar antigos locais de Piquete atualmente alterados pelas construções e mudanças sofridas ao longo do século.

A imagem exposta na edição anterior de “O Estafeta” foi especialmente procurada: um senhor foi até a exposição apenas para identificar a rua Comendador Custódio, que,

na foto de 1940, era bem diferente da atual. Ficou por um bom tempo, porém, apreciando as demais imagens.

Inspirada no verso “*mas as coisas findas muito mais que lindas, essas ficarão*”, da poesia homônima de Drummond, “Coisas Findas” foi montada para homenagear o município no seu 118º aniversário e também o centenário da FPPV, pois, sem a Fábrica, muitas das imagens lá expostas não seriam possíveis, já que ela foi responsável por todas as obras significativas de nossa cidade no século 20, tendo alterado completamente seu traçado urbano.

A exposição ficou aberta até o dia 21 de junho e recebeu centenas de visitantes. Com a colaboração de Andréa Marcondes, que abriu o espaço durante toda a semana, explicando as imagens expostas, muitos alunos das escolas de Piquete puderam aprender sobre o desenvolvimento da cidade e resgatar parte da memória que só conheciam por meio dos pais e avós.



Erudição: sinônimo de cultura?

Pe. Fabrício Beckmann

Ainda é muito forte entre nós a idéia de que cultura é sinônimo de erudição e, dizendo de outro modo, que ignorância é a ausência dos saberes produzidos pelas sociedades dominantes. Assim, teriam cultura somente aqueles que, de algum modo, tiveram acesso a estes saberes, aprenderam línguas estrangeiras, conheceram o mundo da literatura, tiveram a oportunidade de conhecer importantes obras de arte, adquiriram conhecimentos científicos.

A palavra cultura deriva do termo latino “cultus”, que pode referir-se à ação de um agricultor, o qual, com seu trabalho, fertiliza a terra. Daí pode-se subtrair um bom conceito: cultura é toda atividade que transforma, dinamiza, simboliza, fertiliza a realidade tornando-a humana, letrada ou iletrada. Não é a mera aquisição de conceitos prontos, eruditos ou prosaicamente populares, mas a conquista da capacidade de criar e recriar o mundo, sendo sujeito da própria história. A possibilidade de criar cultura não é um adjetivo que qualifica o homem, mas seu substantivo, que indica o que lhe é próprio, embora seja bastante comum que, alienados pelas imposições mundanas – familiares, religiosas, políticas, sociais etc –, os seres humanos, simples e acriticamente, adquiram modos de viver, de se comportar, de ler e compreender a própria história daqueles que, defendendo suas ideologias, possuem forças de imposição, muitas vezes se utilizando de modos sutis de coação.

Ajudar um povo a ser culto não significa torná-lo erudito, mas ajudá-lo a ter condições de refletir criticamente sobre a própria realidade, possibilitando a constatação, o conhecimento e a intervenção para transformá-la. O povo faz cultura quando aprende a expressar uma permanente atitude crítica, isto é, uma atitude que põe em crise e questiona os sistemas ideológicos dominantes, com seus dogmas, sustentáculos do mundo constituído e imposto como único possível. Supera-se, assim, o simples ajustamento e a pobre acomodação à realidade herdada. Talvez as palavras criticidade, conscientização, liberdade e criatividade sejam sinônimos mais adequados que erudição para o termo cultura.

Neste 15 de junho, comemoração da emancipação política de Piquete, desejo que nosso povo seja autônomo e crítico, preparado para inventar o próprio mundo dentro das possibilidades concretas, fazendo e refazendo também a si mesmo. Desejo também que a Fundação Cristiano Rosa continue sendo este importante agente de conscientização e de transformação de nossa gente em gente que fecunde a vida e produza cultura.